

Filosofia e literatura: sobre o método crítico de Benedito Nunes

Jacqueline Ramos

Departamento de Letras/UFS-Itabaiana

Ora, desde Kant a filosofia foi também chamada de crítica. Não sei por qual das críticas comecei, se foi pela literária ou pela filosófica, tão intimamente se uniram, em minha atividade, desde novinho, e alternativamente, literatura e filosofia.

Benedito Nunes

Capítulo à parte na história da crítica literária brasileira, a obra de Benedito Nunes já chegou a virar objeto de estudo nos meios acadêmicos.¹ Visitar sua biografia intelectual é deparar-se com uma relação visceral entre literatura e filosofia. Um simples passeio pelos títulos de seus livros já deixa entrever, entretanto, certa predileção pela literatura (predileção confessada);² mesmo quando trata da filosofia, a literatura está em cena.

A teoria e a crítica literárias mantiveram até o século XIX um vínculo estreito com a filosofia, mais especificamente com os estudos de estética e com a historiografia, então em franco desenvolvimento. No século XX, o advento da linguística promoveu um certo afastamento entre a filosofia e os estudos literários, que divisaram no estudo intrínseco do texto a possibilidade do específico literário, empreitada a que se lançaram o formalismo russo, o estruturalismo e o new criticism norte-americano, correntes que se contrapunham à primazia da história, que assentava raízes na tradição estética hegeliana. Apesar dessa forte penetração dos estudos linguísticos na teoria e crítica literárias, os vínculos com a filosofia nunca se romperam totalmente: a *Poética* de Aristóteles, texto fundador dos estudos literários, continua a ser lida e reinterpretada; do mesmo modo, a *Teoria do romance* de Lukács, para ficarmos em dois exemplos antológicos. Ainda, fenomenologia e hermenêutica fornecem bases teóricas para uma tradição crítica a que podemos alinhar, entre outros, Alfredo Bosi, Luiz Costa Lima, Eduardo Coutinho, além do autor com o qual nos ocupamos, o professor Benedito Nunes.

1 Entre outros, Pereira (2003), Torricone (2007), Nascimento (2008), Pinheiro (2009).

2 Falando de sua trajetória em entrevista a Ernani Chaves, Nunes se refere à precedência da literatura: “Na verdade minhas atividades começaram sendo atividades literárias” (Chaves, 2008, p. 10). Em “Meu caminho na crítica”, essa primazia da literatura parece reafirmada: “Já estava, portanto, assentado na Literatura [referindo-se à sua produção poética na juventude] antes de passar à Filosofia, aonde cheguei premido pela religião, opressiva àquela época dentro de uma família católica, e da qual, coroinha de missas e bênçãos, queria libertar-me” (Nunes, 2009, p. 24).

Em sua *História da crítica literária do Brasil*, no entanto, Wilson Martins inclui a produção de Nunes no que denomina “crítica formalista”, aquela que considera o específico literário em suas análises (1983, p. 739). O estudioso atenta também para o fato da crítica de Benedito Nunes constituir-se em voz diversa naquele momento da crítica literária brasileira, que ora assentava suas bases na historiografia, seguindo a tradição do final do século XIX, ora na poética ou no debate do nacional, a partir da segunda década do século XX, para assumir a partir da década de 1930 um cunho mais sociológico. Apesar de voz dissonante, a produção de Nunes não desconhece toda essa dinâmica da crítica literária de seu tempo; mas exercita um modo diverso de leitura do texto literário que atenta para as correlações entre filosofia e literatura, abrindo novas sendas interpretativas ao conjugar também as conquistas linguísticas em seu fazer crítico, motivo pelo qual Martins o incluirá na “crítica formalista”.

Sobre o fazer crítico

Como já anotado, grande parte da obra de Nunes é dedicada à crítica literária, enquanto outros trabalhos abrangem questões de teoria literária e de filosofia. Benedito Nunes circula nessas duas áreas, que parecem se encontrar nos trabalhos de crítica. Além de crítica, temos ainda a metacrítica, quando Nunes reflete sobre seu fazer crítico, explicitando as relações entre filosofia e literatura. E é com essa reflexão que pretendemos nos ocupar, comentando alguns artigos que o professor dedicou à questão. Esse recorte visa ao interesse específico de subsidiar o estudo dos caminhos possíveis para a crítica, a partir do encontro entre filosofia e literatura.

O primeiro texto a que vamos nos referir, por seu caráter mais didático, foi publicado nos *Cadernos de Literatura Brasileira* do Instituto Moreira Salles, em comemoração ao centenário de nascimento de Guimarães Rosa, e tem como título “O autor quase de cor: memórias filosóficas e literárias”. Benedito Nunes abre o texto narrando seu encontro com Guimarães Rosa, testemunho que serve ali de preâmbulo para a apresentação das possibilidades dessa abordagem que conjuga filosofia e literatura. Preâmbulo muito a propósito, uma vez que a obra de Guimarães Rosa enceta um grande debate com a filosofia, como a própria crítica de Nunes dá a ver.

As “provocações filosóficas” que Rosa faz a Nunes nesse encontro revelam o interesse do escritor mineiro pela filosofia, interesse já manifestado em sua compreensão da literatura como espaço para o debate de ideias filosóficas. Evidencia-se, assim, a presença ativa da filosofia nos domínios literários. Além dessa presença, há outras relações possíveis, as quais Nunes se propõe a desdobrar. Em conformidade com esse intento, ele nos propõe quatro modalidades de aproximação ou, em suas palavras, de “aplicação da filosofia à leitura de textos literários” (2006, p. 237), sugerindo um uso instrumental do conhecimento filosófico.

O primeiro modo assinalado é denominado de “modo tópico”, e seria aquele que se atém à identificação de conceitos filosóficos na obra literária. Corresponderia a um mapeamento da interlocução com a filosofia proposta pelo texto literário, através de elementos intertextuais. Tal intertextualidade pode ser mais ou menos explícita no texto, como apontam os estudos de Araujo, que identificam e discutem filósofos e mitos da tradição retomados por Rosa em sua ficção. Em *A raiz da alma* (1992), por exemplo, Araujo, ao perseguir as epígrafes de Plotino espalhadas em *Corpo de baile*, percebe que o sistema cósmico descrito pelo filósofo foi incorporado por Guimarães Rosa na estruturação da obra. Assim, cada narrativa de *Corpo de baile* corresponde a um dos planetas do sistema descrito por Plotino, e há correspondência também na disposição dos planetas, no sistema, e das estórias, no livro.

Outro caminho de leitura possível na aproximação entre filosofia e literatura utilizaria os conceitos filosóficos “para elucidar situações e conflitos dos personagens”; esse seria o “modo instrumental” (Nunes, 2006, p. 238). Nunes exemplifica com o trabalho de Sonia Maria Viegas, que empregou o par dialético do senhor e do escravo em Hegel na interpretação do pacto com o demônio em *Grande sertão: veredas*.

Outra possibilidade para a crítica seria propor a leitura da “filosofia do texto literário”. Esse terceiro modo não seria nem instrumental nem histórico-filosófico, a preocupação seria a de “reconstituir a filosofia inerente, própria ao texto ficcional, aquela que esse mesmo texto carrega consigo, como um produto endógeno seu” (Nunes, 2006, p. 238). O crítico cita dois trabalhos sobre Rosa para ilustrar esse modo. O primeiro, de Héctor Olea, um texto inédito, que considera a escritura rosiana “literatura que especula, e que poética se faz”, defendendo em Rosa a “identificação de literatura à poesia, da poesia à religião e da religião à filosofia como metafísica” (Nunes, 2006, p. 238). Os episódios narrativos de *Grande sertão: veredas* seriam alegorias da metafísica engendrada pela obra. Um outro estudo apresentado como exemplo é o de Francis Utéza, *JGR: metafísica do grande sertão*, que aponta a obra como ponto de confluência de tradições, da hermético-alquímica ao taoísmo, concluindo que a “filosofia literária” de *Grande sertão: veredas* sintetizaria várias filosofias particulares.

Finalmente, o quarto modo apresentado por Nunes seria o da leitura “ambidextra”, exemplificada com o trabalho de Maria Heloísa Noronha Barros, que confronta os textos literários de Rosa e os filosóficos de Heidegger, caminhando de um para o outro,

em alternância, num movimento de lançadeira, a fim de entrecruzar as constantes temáticas das novelas (a viagem, a procura de si mesmo, o Sertão como universo mítico) aos conceitos heideggerianos correspondentes (a itinerância do homem como *Dasein*, o poder-ser da existência, a *physis* dos pré-socráticos). [...] Ao compreender a obra literária, a filosofia também se deixa compreender por ela (Nunes, 2006, p. 240).

Esse quarto modo não se confundiria com o terceiro, centrado na “filosofia do texto”? Quais as reais diferenças entre esses quatro modos de aproximação entre literatura e filosofia? Tanto o primeiro quanto o segundo modo parecem considerar as duas áreas como estanques: de um lado estaria a literatura e de outro a filosofia. Mapear os elementos intertextuais é indicar referências externas ao texto, como nos trabalhos de Araujo. Usar ideias ou conceitos filosóficos na leitura de textos pressupõe igualmente a nítida separação entre as áreas, de modo que a filosofia figuraria como instrumental analítico e a literatura como objeto de análise.

Esses dois primeiros modos têm, portanto, caráter mais descritivo. Já no terceiro e no quarto modo as fronteiras entre as áreas parecem se dissolver numa abordagem mais interpretativa, uma vez que privilegia as possibilidades de sentido propostas ou na literatura (terceiro modo, ao perseguir a “filosofia do texto literário”) ou no diálogo da literatura com a filosofia (quarto modo). Atente-se que esses dois modos pressupõem aqueles dois primeiros: para discutir a “filosofia do texto literário”, tomamos como parâmetro a filosofia (modo instrumental); para discutir sentidos possíveis do diálogo da literatura com a filosofia, é preciso inicialmente identificar os elementos intertextuais presentes no texto literário.

De modo geral, nesse texto, Benedito Nunes assume o ponto de vista da *crítica literária* sobre as possibilidades metodológicas da interface filosofia e literatura. Vejamos agora o segundo texto selecionado, em que se verifica uma guinada na perspectiva, pois Nunes deixa de falar sob o ponto de vista do crítico literário e assume a posição do filósofo, ou seja, discute a literatura como objeto da *investigação filosófica*. Intitulado “Literatura e filosofia: *Grande sertão: veredas*” (Nunes, 1981), esse texto faz parte do livro organizado por Luiz Costa Lima, *Teoria da literatura em suas fontes*. Vamos a ele.

A literatura para a filosofia

O ensaio começa pontuando momentos da tradição metafísica na história da filosofia, e persegue uma síntese panorâmica. Num primeiro tópico, “De Platão a Hegel”, Nunes recorta dois momentos da filosofia e do modo como esta concebe a literatura. Em Platão, a filosofia passa a ser discurso privilegiado, capaz

da visão do inteligível (apreensão do real), em contraposição à literatura, considerada *discurso mentiroso não filosófico*, definições remetidas à *República* e sua discriminação metafísica da literatura, assentada na distinção entre discursos verdadeiros (*diegesis*) e mentirosos (*mimese*).

De Platão passamos a Hegel, para quem “a poesia, síntese superadora, é a mais espiritual de todas as artes”; a poesia se destacaria no conjunto das formas pelas quais “o Espírito se realiza a caminho da autoconsciência filosófica” (Nunes, 1981, p. 189). Segundo Nunes, em Hegel, a contraposição se dá entre poesia e prosa, e não entre ficção e filosofia. Dentro do sistema hegeliano, a poesia passa a ser *um discurso não-filosófico, mas verdadeiro*.

Em seu recorte histórico, Benedito Nunes destaca, ainda, a “partilha do saber na Idade Moderna”, seu segundo tópico, quando a literatura aparece enquanto “isolamento de uma linguagem singular, cuja modalidade própria é ser literária”, momento em que as ciências humanas reivindicam para si a literatura, objeto até então dos domínios investigativos da filosofia.

A primeira constatação que se pode fazer no preâmbulo de um confronto com as ciências humanas, pertinente ao conhecimento da literatura, é o gradual esvaziamento da filosofia, de que a Teoria ou Ciência da Literatura marcou o início em fase recente, ao absorver a Poética e a Retórica, já colocadas sob o regime da Estética. As demais extensões do conhecimento filosófico, que ao conhecimento da Literatura se aplicariam, sofreram um contínuo processo de retração: a filosofia da linguagem diante da Linguística, a filosofia da arte diante da Sociologia e da Antropologia, a filosofia da criação literária, de cunho psicologista, diante da Psicanálise (Nunes, 1981, p. 190).

Em vista desse avanço das ciências humanas – antropologia, sociologia, psicanálise e linguística, que têm dado aporte à investigação literária –, indaga-se Nunes: “qual seria a competência da filosofia nessa matéria?”.

Apesar de considerar, citando Barthes, que a conjunção entre linguística e literatura torna possível a ciência ou teoria da literatura, Nunes não elimina a contribuição de outros campos do conhecimento. Segundo ele, a filosofia hegeliana da arte e o esquema sociológico de Marx inspiraram a sociologia no “estudo das conexões internas da obra literária com a realidade sócio-histórica que nela se inscreve” (Nunes, 1981, p. 190); já a antropologia associada à linguística colocaria a literatura, “o poético em geral, na escala do funcionamento lógico das estruturas do pensamento”. Também ligada à linguística, a psicanálise deixa de ser centrada no autor, sustentando-se na noção de *escrita*, “como perpétuo deslocamento de significações, a iluminar o texto, objeto de uma decifração ou, conforme P. Ricoeur, de uma exegese, que se ocupa do jogo incessante dos significantes e dos significados” (Nunes, 1981, p. 191).

Diante de tantas visadas, Nunes pergunta-se: “que restou da Literatura para a Filosofia?”. “Muita coisa”, ele responderá, resgatando o problema da linguagem, que a fenomenologia considera “enlaçada à própria coisa”, concepção em consonância com os estudos linguísticos que compreendem a linguagem não como expressão do pensamento (como intermediária ou veículo das ideias), mas enquanto construtora de ideias. Assim,

a literatura é objeto de conhecimento filosófico porque é uma forma simbólica, porque há um domínio do simbólico, a que se atém o pensamento – ponto de convergência e divergência da filosofia com a linguagem: o domínio do *sentido* das proposições, tal como especificado por Gilles Deleuze, em *Logique du sens* (Nunes, 1981, p. 191).

Nunes esclarece que o *sentido* seria a quarta dimensão da linguagem, as demais seriam: a designação, a manifestação e a significação. E acrescenta, ainda:

Refletir filosoficamente é sempre colocar o objeto sob a multiplicidade dos nexos que o sustentam. Se a filosofia é abrangente, o seu ângulo de abertura depende, em parte, das disciplinas, que podem considerar diversas espécies de conexões. Num encontro interdisciplinar como este, a função da filosofia talvez seja trazer à consideração, sob a forma de

um *não apenas isto, mas também aquilo*, a cláusula do ideal de inclusividade. Mas dado que inclusividade não quer dizer compreensão totalizada e exaustiva – porquanto a filosofia se sabe um discurso sobre outros discursos – e levando em conta o que de filosofia passou para as outras disciplinas, na abordagem filosófica de uma obra literária, *considerada como forma*, seriam pontos de incidência da reflexão: a) a linguagem; b) as conexões da obra com as linhas do pensamento histórico-filosófico; c) a instância de questionamento que a forma representa, em função de idéias problemáticas, isto é, de idéias que são problemas *do e para* o pensamento (1981, p. 192).

Lembro, mais uma vez, que a visada aqui é a da filosofia. O texto literário está sendo considerado naquilo que interessa à filosofia. Nunes defende, assim, a pertinência da perspectiva filosófica na análise da obra literária, destacando inclusive o papel fundamental da filosofia para o estabelecimento da possível ciência da literatura. Sua concepção de obra literária como *forma*, embora de base heideggeriana, está em sintonia com as correntes críticas de base linguística do século XX. Enfim, Nunes postula uma função para a filosofia, a de refletir sob o foco da interdisciplinaridade a partir desse ideal de *inclusividade*. E sobre quais questões deve se deter tal reflexão? Sobre a linguagem, que se constitui em problema comum da filosofia e da literatura; sobre a interdiscursividade promovida pelo texto literário; e, finalmente, sobre temas tratados pela literatura que sejam de interesse da filosofia.

Após esse prólogo inicial, Nunes passa a exemplificar cada um desses “pontos de incidência” em *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, lembrando o caráter de reflexão sobre uma *forma*, ou seja, temos aqui reafirmada a centralidade da linguagem. Esse ponto de incidência não pode ser descartado e será o primeiro a ser discutido na exemplificação proposta.

A linguagem

A linguagem talvez seja o aspecto que mais chama a atenção na obra de Rosa, um uso extremamente peculiar sobre o qual se debruçou a primeira recepção crítica do autor. Nunes resgata alguns desses estudos cuja investigação consiste no levantamento dos recursos poéticos e retóricos que criam em *Grande sertão: veredas* “seu poder verbal explosivo”. Isto é, o estudo do jogo formal que cria possibilidades ou efeitos de sentido. Parte desses estudos descreve as histórias de *Grande sertão: veredas* como estruturadas em forma de narrativa oral (Mary L. Daniel) ou, no dizer de Walnice N. Galvão, de uma oralidade ficcionalizada, “criada a partir de modelos orais mediante a palavra escrita”.

Outros estudos entendem que as formas incorporadas em *Grande sertão: veredas* fazem dele um romance polimórfico. Para discutir essa característica da obra, Nunes vale-se da sistematização das “formas simples” (consideradas manifestações de determinadas “disposições mentais”) proposta por Jolles em seu *As formas simples* (1983). Nunes procura demonstrar a presença dessas formas simples em *Grande sertão: veredas*, isto é, da lenda, do mito, da saga, da adivinha, do caso, da sentença, do conto. Passa a discorrer sobre os casos no romance, depois sobre as *adivinhas* (mais esparsas), para associá-las ao *mito*. Recorta o mito do pacto com o demônio (que associa ao mito adâmico da queda) e o mito do andrógino (a donzela guerreira, para Walnice), em que o poder e o desejo aparecem concentrados na figura de Diadorim.³ Detém-se mais nessas questões mostrando como estão colocadas *na* linguagem (e não necessariamente *pela* linguagem).

O mote central da obra, a existência do Demônio e de Deus, desenvolve-se sobre o paradoxo: um não existe sem o outro. “Deus existe mesmo quando não há; Demônio não há mesmo quando existe” (Nunes, 1981, p. 198). “Dir-se-ia que o Pacto se infiltra na obra, e que se firma, firmando a total ambigüidade do

3. Nunes sugere a correlação de Diadorim ao arquétipo da criança primordial (estudada por Jung e Kerényi) (1981, p. 198).

romance”. Sobre a abertura de sentido proporcionada pelo paradoxo, Nunes remete-nos a Lukács, referindo-se à necessidade “de uma contínua e intransfigurável reflexão, jamais totalizada”. Lembramos que tanto o paradoxo quanto a própria ideia do pacto na obra são problemas de linguagem.

A interdiscursividade

Sobre o segundo ponto de incidência, conexões com determinadas linhas do pensamento histórico-filosófico, Nunes procura compreender o que considera um alto nível reflexivo proporcionado pelo alto nível de oralidade do romance, “nível reflexivo de uma prosa entrançada, a que, muito a propósito, se referiu Luiz Costa Lima. Mas o que é que a reflexividade da narração entrança?” (1981, p. 200). Entrança metáforas que são *topoi* do pensamento:

Desprendidos de um enorme bloco da linguagem filosófica, que liga o neoplatonismo à Patrística, e aquele às doutrinas hermético-alquímicas, esses veios conceptuais, esses filamentos teológico-místicos, distendem-se, à semelhança do que se verificou para as sentenças proverbiais, por todo o tecido narrativo (1981, p. 200).

Nunes passa a localizar essas metáforas em *Grande sertão: veredas*, indicando sua filiação: a alma espiritual como lugar recôndito, associa a Plotino; a oposição entre escuro/luminoso, sombra/luz, vê como inerente à metáfora platônica do trânsito entre o aparente e o verdadeiro; a metáfora da imagem dos *palácios da memória*, como tomada a Santo Agostinho. Após esse mapeamento, conclui:

No entanto, nenhuma das linhas do pensamento histórico-filosófico – a neoplatônica, a agostiniana, a heraclitiana, e até mesmo a gnóstica, que nos pode sugerir a ideia de alma absoluta – nem uma dessas linhas, que se entrançam à reflexividade tensa, enfeixa a perspectiva do narrador e do romance, reaberta a cada passo pelo dinamismo e pela mutabilidade da própria narração (1981, p. 201).

Riobaldo oscila entre os opostos: “Sem ter que fazer uma escolha maniqueísta, a suprema sabedoria conquistada pelo narrador, ao coligar a experiência passada no ato de narrá-la, é introduzir, sub-repticiamente, um terceiro termo entre Deus e o Demônio, já por ele tão aproximados”. Esse terceiro termo é o sertão (“sertão mundo”, “sertão supra-regional”), “a diferença que os separa, e que os mantém como aspectos complementares de uma mesma *realidade problemática*” (1981, p. 201). Em seguida temos a demonstração de como o grande sertão congrega esses aspectos (sertão é a errância onde o homem se perde para encontrar-se), realidade problemática e onipresente da existência humana e do mundo interligados.

Para Benedito Nunes, há uma dinâmica no funcionamento dessa narrativa polimórfica em que o *epos* envolve o leitor e o entrega ao mito; ao terminar a leitura, é o mito, suspenso por indagação reflexiva, “que nos entrega a um *ethos*, quer dizer, à inquietação ética ou a uma ética da inquietação, e não a um código moral” (1981, p. 201-2).

A filosofia do texto literário

Finalmente, o terceiro e último ponto de incidência se refere a temas caros à filosofia que a literatura não só apresenta mas engendra de modo muitas vezes peculiar, ou ao menos diverso dos modos em geral utilizados pelo discurso filosófico. Nunes retoma Walter Benjamin, para defender na obra literária, sob

manifestações diversas, o “*ideal do problema*, isto é, a idéia de uma verdade, que, sendo da própria obra como tal, é não um mero problema filosófico extrínseco e avulso por ela levantado, mas a intrínseca verdade que prenuncia” (1981, p. 202).

Para ele, essa filosofia, essa instância de questionamento se abre em *Grande sertão: veredas* em torno do problema do tempo,

horizonte de confluência da realidade problemática, que o tratamento do mito sobredeterminado por um *ethos* permitiu entrever, com função, também problemática, do ato de narrar, diretamente visada pelo narrador, e intrínseca ao desenvolvimento do romance.

Em *Grande sertão: veredas*, o tempo da narrativa pode ser desdobrado em três unidades: o relato oral de Riobaldo (presente), os acontecimentos épicos (passado), as lembranças evocadas (reatualização do passado no presente). Sintetizando essa problemática: “os três tempos – o passado, o presente e o futuro – formam um só tempo que se distende, um só processo de temporalização, que conflui com o processo da própria narrativa” (1981, p. 202).

Essa condensação de tempos, exemplar em *Grande sertão: veredas*, é um problema intensamente debatido pela teoria e a crítica literária do século XX. Sobre esse extenso debate Nunes se debruça, propondo-nos uma sistematização, em seu *O tempo na narrativa* (1995).⁴ O tempo é uma modalidade discursiva, existe em função da linguagem. Nunes retorna, assim, ao problema da linguagem, que parece constituir-se no ponto fulcral do encontro entre literatura e filosofia.

Segundo ele, estamos justamente nesse momento em que a linguagem passa para o primeiro plano da reflexão, passagem que já se efetudara em Nietzsche, “sinal do aguçamento da crise metafísica que despontara em Kant: o embaraço de saber se ‘a filosofia é uma arte ou uma ciência’. [...] O discurso verdadeiro, filosófico, pode dissimular tanto quanto o discurso falso, literário, pode revelar” (1981, p. 204-5). O problema comum a ambas as supostas áreas é o da linguagem. Nesse sentido, quando pensamos essa aproximação literatura e filosofia, estaríamos, no dizer de Nunes, “diante de uma dualidade ou de uma ambigüidade?” (in Chaves, 2008, p. 11).

Nesses seus dois textos, Nunes assume posições enunciativas diversas: assume a perspectiva do crítico literário no primeiro e discute a pertinência da filosofia se ocupar da literatura no segundo. Por um lado, a literatura pode ser objeto de estudo da filosofia, considerando-se aqueles três pontos de incidência apontados; por outro, a literatura pode ser tomada também enquanto espaço de debate de “ideias filosóficas”; ainda, a filosofia pode servir de instrumental teórico para a crítica literária; e, finalmente, na confluência das áreas, temos o estudo da linguagem e seus sistemas de construção de realidades. Interessante notar que ambos os percursos abrem um leque de possibilidades investigativas e deságuam na dissolução dos limites entre filosofia e literatura.

Em “Meu caminho na crítica”, Nunes volta a essa questão: na linguagem filosófica prevalece a proposição e o argumento; na literária, a imagem e o significante; apesar de marcadas por tal diferença, literatura e filosofia coincidem “como obras de linguagem posta em ação – fontes da palavra ativa, atuante –, permitem-nos discernir o real para além do dado imediato, empírico” (2009, p. 27). Essa questão da não referencialidade da linguagem deslocaria “o eixo proposicional da noção de verdade para o âmbito do discurso” (2009, p. 39-40). Nunes chega a enaltecer a literatura, pois seria com ela que a filosofia apren-

4 Da larga bibliografia a que Nunes recorre nessa obra destacam-se formalistas e estruturalistas (Propp, Saussure, Ducrot, Barthes, Paul Ricoeur, Foster, Benveniste etc.). Percebe-se ainda a incorporação de categorias apresentadas por Gerard Genette, de *O discurso da narrativa*, ao mostrar a multiplicidade conceitual da ideia de tempo que recobre as noções de ordem (sucessão, simultaneidade), duração e direção, engendradas na enunciação e no enunciado.

deria os segredos da enunciação (que “nos dá mais que a proposição e o argumento”). E como se não bastasse, acrescenta: “quando a Filosofia e a Ciência se calam, é sempre a poesia que diz a última palavra” (2009, p. 42).

Referências bibliográficas

- ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *A raiz da alma*. São Paulo: Edusp, 1992.
- CHAVES, Ernani. Entrevista com Benedito Nunes. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 31(1): 9-23, 2008.
- JOLLES, André. *As formas simples*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- MARTINS, Wilson. *História da crítica literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- NASCIMENTO, Maria de Fátima. O lugar de Benedito Nunes na moderna crítica literária brasileira. Unicamp, *Anais do Seta*, vol. 2, 2008.
- NUNES, Benedito. O autor quase de cor: lembranças filosóficas e literárias. In *Cadernos de literatura brasileira: João Guimarães Rosa*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2006.
- _____. Literatura e filosofia: *Grande sertão: veredas*. In Lima, Luiz Costa (Org.). *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- _____. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 1995.
- _____. Meu caminho na crítica. In *A chave do poético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PEREIRA, Nilo Carlos. *Filosofia e ficção: o ser em O drama da linguagem, de Benedito Nunes*. Dissertação (Mestrado) – São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2003.
- PINHEIRO, Victor Sales. O diálogo entre filosofia e literatura: a crítica de Benedito Nunes e a hermenêutica de Hans-Georg Gadamer. *Intuitio*, Porto Alegre, v. 2, n. 3, novembro/2009, p. 364-76.
- TORRICONE, Jucimara. *Hermenêutica e crítica: o pensamento e a obra de Benedito Nunes*. Tese (Doutorado) – São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2007.